

DA ADDIE, DARL E A EXISTÊNCIA AUTÊNTICA EM ENQUANTO AGONIZO, DE WILLIAM FAULKNER

Leila de Almeida Barros (UNESP)¹

Resumo: *Enquanto Agonizo* (1930), quinto romance de William Faulkner, oferece significativas reflexões acerca da morte, da linguagem, do tempo e da existência. A angústia que habita em maior ou menor grau a família Bundren transcende a experiência da morte física. Isto porque mesmo passada a dor da perda de Addie, a matriarca da família, em alguns de seus integrantes permanece a sensação de estranhamento e desligamento do mundo exterior, sobretudo em Darl, segundo filho de Addie e protagonista da narrativa. Por meio das principais reflexões expostas por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (1927), este trabalho busca tornar visível como a angústia de Darl e a morte de Addie auxiliam na compreensão do sentido do ser, além de conduzirem pelo caminho da sua possibilidade mais autêntica.

Palavras-chave: mortes; Martin Heidegger; angústia; morte; existência.

1. Introdução

Uma investigação da fortuna crítica da obra de William Faulkner, composta por dezenove romances e mais de setenta e cinco contos, fará ver que são escassos os trabalhos acadêmicos que entrelaçam algum pensamento ou premissa filosófica a um ou mais trabalhos do autor.

Embora haja uma notória coincidência entre as questões que Literatura e Filosofia buscam responder e embora, nas palavras de Jayme Paviani (2009: 65),

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus Araraquara. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Estudos Contemporâneos em Literatura pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Graduada em Letras - Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: leilappfi@gmail.com.

ambas “[tenham] o mérito de articular num só escrito todos os saberes”, é corrente a ideia de que a análise filosófica acaba por obscurecer a análise dos elementos narrativos fundamentais, e não a de que adicione e permita uma compreensão melhor do texto literário.

Benedito Nunes estabelece, assim, três distintas relações que podem se dar entre as duas áreas de conhecimento: a relação disciplinar, a relação supradisciplinar e a relação transacional. A relação disciplinar é aquela que distingue Literatura e Filosofia como campos apartados entre si. Se a Literatura pertence ao campo da fantasia e da criação verbal, a Filosofia pertence “ao do entendimento, da razão e do conhecimento do real” (Nunes 2011: 19), sendo conseqüentemente superior à primeira.

A relação supradisciplinar, por outro lado, surge a partir dos primeiros românticos alemães, que passam a defender a incorporação mútua das disciplinas. “Para os românticos alemães da primeira hora o nexo entre poesia e Filosofia justificava um gênero misto de criação verbal, que nos daria obras de mão dupla”, afirma Nunes (2011: 25). No entanto, por vezes, faz-se necessário também compreender os pontos que distanciam a Filosofia da Literatura e vice-versa, posto que seus caminhos podem, com frequência, divergir um do outro.

Dessa forma, a relação que é chamada de transacional é aquela que tanto Benedito Nunes quanto este trabalho buscam consolidar. A relação transacional define-se por um “movimento de ir de uma a outra, portanto separadas, cada qual na sua própria identidade, sem que cada qual esteja acima ou abaixo de sua parceira” (Nunes 2011: 29). Quando Filosofia e Literatura deixam de ser mensuradas em termos de superioridade ou inferioridade e quando uma pode se aproximar da outra sem que seja necessária a assimilação entre elas – a conseqüente perda de identidade de ambas –, ocorre o estabelecimento de um diálogo autêntico.

Enquanto Agonizo (1930), quinto romance de Faulkner, oferece contundentes reflexões acerca da morte, da linguagem, do tempo e, sobretudo, da existência. Darl o faz em seus monólogos caracteristicamente filosóficos e de linguagem poética; Addie em seu único monólogo, cujas palavras e ácidas reflexões se fazem ouvir já depois de sua morte; Dewey Dell em palavras repletas de ódio e tristeza; Vardaman em uma fala ambígua que emerge de sua desordem emocional. Todas estas personagens encabeçam, em maior ou menor grau, a experiência tanto da ausência quanto da busca pelo significado da existência. A angústia que habita os membros da família Bundren excede a experiência da morte física, isto é, mesmo depois que o luto tenha amenizado a dor da perda, em alguns dos filhos de Addie permanece a sensação de estranhamento e desligamento do mundo exterior.

Este trabalho parte da hipótese de que Darl, o segundo filho de Addie, que ao final da narrativa entrega-se a loucura, é quem mais tem suas noções de identidade e de existência abaladas a partir da experiência da morte da mãe. Enquanto Darl sai em busca de respostas para seu ser e encara a morte de frente também como sua possibilidade mais certa, a Addie é dada a oportunidade de refletir acerca de sua própria morte, que tanto desejara e que ensaiara desde cedo como seu mais genuíno abrigo. De certa forma, Addie partilha da opinião de seu pai, que dizia “que a razão para viver era se preparar para estar morto durante muito tempo” (Faulkner 2002:

147)². Embora esta frase seja corriqueiramente esmiuçada pela crítica em seu cunho religioso, há também a possibilidade de compreendê-la com base no pensamento existencialista.

As reflexões expostas por Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (1927), publicado apenas três anos antes de *Enquanto Agonizo*, sobretudo aquelas relacionadas ao ser do homem, à morte e à angústia, são de substancial importância para a elucidação dos principais elementos narrativos desse romance. Assim, objetiva-se também aqui que a união entre Filosofia e Literatura não resulte na elevação e nem na subtração de uma ou outra, mas que permita que os campos se complementem e se auxiliem na elaboração de significado.

2. Breves considerações sobre *Ser e Tempo*

2.1. O ser do homem

Sabe-se que o pensamento de Martin Heidegger, edificado no início do século XX, é basilar para a história da fenomenologia, da hermenêutica e, sobretudo, da ontologia. Embora seja um pensamento filosófico de difícil acesso, é importante ressaltar que a maneira como Heidegger escreve está estritamente ligada à sua tentativa de se afastar da tradição filosófica, sobretudo no que diz respeito às conceituações clássicas do ser (Dreyfus; Wrathall 2005). É verdade que o pensamento de Heidegger tem resquícios da influência de Aristóteles e Husserl, por exemplo, pois tanto a metafísica de um quanto a fenomenologia de outro, respectivamente, serviram de base para suas primeiras considerações. No entanto, é também verdade, afirma Thomas Sheehan (2005), que, se Aristóteles tinha como objeto principal de sua metafísica a análise da origem do Ser que torna as coisas reais no mundo, o foco de Heidegger está, pelo contrário, em investigar o sentido do ser cuja matriz de significado está justamente no mundo do qual faz parte. O sentido do ser – e não sua origem – deve estar para Heidegger no centro das preocupações de toda e qualquer ontologia:

Por mais rico e estruturado que possa ser o seu sistema de categorias, toda ontologia permanece, no fundo, cega a uma distorção de seu propósito mais autêntico se, previamente, não houver esclarecido, de maneira suficiente, o sentido do ser nem tiver compreendido esse esclarecimento como sua tarefa fundamental (Heidegger 2005: 37).

A problemática do ser, evidentemente, é colocada em evidência desde as primeiras linhas de *Ser e Tempo* (1927), já que a filosofia tradicional acabara por recorrer a três principais preconceitos com relação a ela. O primeiro preconceito é a noção de que a universalidade do ser dispensaria qualquer explicação. O segundo é a

² “That the reason for living was to get ready to stay dead a long time” (Faulkner 2010: 98). Quando referências diretas ao texto traduzido forem feitas, serão inseridas notas de rodapé com o texto no original.

noção de que, sendo universal, o ser tornar-se-ia espontaneamente indefinível. O terceiro, que se relaciona de perto com o primeiro e o segundo, é o de que, sendo o ser universal, indefinível e, de certa forma, evidente, não há razão para interrogar sobre ele. Há desde pronto, portanto, a necessidade da reinterpretação da história da filosofia que permitiu que a questão do sentido do ser caísse no esquecimento. Para Heidegger os três preconceitos são claramente injustificáveis, já que o sentido do Ser é, na verdade, o conceito filosófico mais obscuro e obliterado de todos.

Heidegger acredita que tudo o que se encontra no mundo não tem um significado pré-fixado, mas construído dentro e através do próprio mundo. Isto equivale a dizer, portanto, que o ser em geral não tem um caráter estático e perdurável, mas que se estrutura diante e por meio de *n* possibilidades existenciais que se colocam diante de si. São estas possibilidades que irão preenchê-lo. Nas palavras de Cristina Lafont (2005: 266, tradução nossa): “quando entendermos o mundo em que os seres humanos habitam como uma rede holística estruturada de significância, o objetivo geral de Heidegger poderá ser atingido”³. Ou seja, é preciso ter em mente que a compreensão do sentido do homem encontra-se necessariamente vinculada à questão do sentido do ser.

Não é o ser, dessa forma, que dá origem ao mundo. Na perspectiva heideggeriana é próprio mundo que engendra o ser e o ser do homem – a pre-sença, que ao longo deste trabalho referir-nos-emos com o termo no idioma original, o *Dasein*, o ser-aí. O *Dasein* é aquilo mesmo que o homem é e que “entre outras, possui em seu ser a possibilidade de questionar” (Heidegger 2005: 33). O *Dasein* se encontra lançado no mundo, isto é, no próprio tempo. Aliás, qualquer consciência transcendental é suplantada no pensamento heideggeriano pelo tempo, que localiza espacialmente o *Dasein* e seu ser. Apenas enquanto o *Dasein* é ele *existe* e pode questionar sobre si mesmo. Nas palavras de Hervé Pasqua (1993: 122, grifo do autor), “o ser do *Dasein* não é um ser acabado, uma vez que para ser *Dasein* ele tem que viver! É um ser *a findar*, não é uma totalidade findada, mas em vias de acabamento”.

O ser do homem “não é nem uma coisa, nem uma substância, nem um objeto, nem um sujeito. É *um ser que existe*, um todo cuja unidade levanta problemas” (Pasqua 1993: 38, grifo do autor) e se distingue como ser-aí justamente por ser um ser-no-mundo. Significa dizer que a analítica existencial do *Dasein* deve ser elaborada com base em seu contato com a vida cotidiana. A única possibilidade de abarcar o “aí” (o ser) do ser-aí sem olvidar o homem é compreendendo que “não há mundo sem *Dasein*, com também não há *Dasein* sem mundo! O ser-no-mundo é uma totalidade articulada” (Pasqua 1993: 52).

Quando Heidegger abandona “a teoria do ser com foco no objeto em detrimento de uma teoria do significado com foco na correlação”⁴ (Sheehan 2005: 196, tradução nossa), ou seja, quando o filósofo dá seus primeiros passos em direção à fenomenologia, pode-se pensar que ele então adere totalmente à fenomenologia de Husserl, o maior expoente deste método e para quem Heidegger inclusive dedica seu

³ “Once we understand the world in which human beings live as a holistically structured web of significance, Heidegger’s overall goal can be achieved” (Lafont 2005: 266).

⁴ “Abandons an object-focused theory of being for a correlation-focused theory of meaning” (Sheehan 2005: 196).

Ser e Tempo. Entretanto, enquanto a redução fenomenológica do pensamento tardio de Husserl clama que o eu transcendental – cuja fundamentação tem o *cogito* cartesiano como base – é a fonte de significado daquilo que se põe no mundo, Heidegger mantém-se sólido em sua afirmação de que o mundo é esta mesma fonte e de que por isso não há transcendência possível. Conforme afirma Pasqua (1993: 24), “não há um Ser Eterno e Transcendente, assim como não há um Ser Uno, Verdadeiro e Bom” dentro deste pensamento. Isto quer dizer que, uma vez que o *Dasein* só chega à verdade por meio de um projetar-se no mundo e no outro de dentro do homem, ele não pode jamais ser visto como algo que se encontra fora e acima dele.

2.2. Autenticidade e inautenticidade

Conquanto o ser do *Dasein* oriente-se sempre para o mundo – que dele faz parte – e para o outro, quando seu “quem” se transforma em “nós”, isto é, quando o *Dasein* está tão imerso na cotidianidade que encobre o seu próprio ser, ocorre aquilo que Heidegger chama de existência inautêntica. O equívoco, a curiosidade, o falatório e o medo são alguns dos Existenciais em que o *Dasein*, imerso em sua mundaneidade, pode incorrer.

O equívoco, por exemplo, é “a confusão entre o compreender autêntico e o compreender inautêntico” (Pasqua 1993: 90), enquanto a curiosidade consiste na degradação deste compreender e o falatório é “a cisão entre as palavras e as coisas, entre o discurso e o seu objeto” (Pasqua 1993: 90). O medo, por sua vez, revela a precariedade e até mesmo a finitude do Ser: “o medo consiste em não saber como reagir diante da ameaça e pode conduzir à perdição completa” (Pasqua 1993: 77). Quando alguém se vê diante de algo amedrontador, portanto, de modo a reagir diante do medo que o atinge, este alguém busca se alienar de si, esquecer ou mesmo fugir do que causara a disposição. É assim que o ser do *Dasein* se esvanece em um modo de ser basilar da existência cotidiana: a decadência. Heidegger (2005: 236, grifo do autor) não confere um caráter estritamente negativo à decadência, posto que “pretende apenas indicar que, em primeira aproximação e na maior parte das vezes, a pre-sença está *junto* e no ‘mundo’ das ocupações”, além disso, prossegue o filósofo, “por si mesma, em seu próprio poder-ser [...], a pre-sença, já sempre caiu de si mesma e de-caiu no ‘mundo’” (Heidegger 2005: 237). Dessa forma, embora a existência inautêntica traga à tona o aspecto impessoal do *Dasein* especificado no “nós”, há que se ter em mente que “de-cair no ‘mundo’ indica o empenho [do *Dasein*] na convivência” (Heidegger 2005: 237), ainda que este seja conduzido pelo equívoco, pela curiosidade, pelo falatório e pelo medo. “A ek-sistência, quer seja autêntica ou inautêntica, consiste sempre em passar para o mundo em cair e decair nele”, afirma Pasqua (1993: 92).

Quando o *Dasein* se dá conta de que, na realidade, a morte é a sua possibilidade mais autêntica e que ela o levará finalmente ao encontro consigo mesmo, isto é, com o seu ser, passa-se da existência inautêntica para a existência autêntica:

O “fim” do ser no mundo é a morte. Esse fim, que pertence ao poder-ser, isto é, à existência, limita e determina a totalidade cada vez possível da pre-sença. Mas o estar-no-fim da pre-sença na morte e, com isso, o ser desse ente como um todo, só poderá ser introduzido, de modo fenomenalmente adequado, na discussão da possibilidade de seu possível *ser* todo, caso se tenha conquistado um conceito ontológico suficiente, ou seja, *existencial* da morte (Heidegger 2005: 12, grifos do autor).

Se o *Dasein*, contudo, existe apenas enquanto ele é, como então será possível que haja seu contato direto com a morte? Embora ele venha a aceitar lançar-se na morte e abraçar esta condição, é bem verdade que o *Dasein* pode apenas experimentar na morte do outro a possibilidade mais certa de seu ser. De fato, o que Heidegger postula é que, quando é possibilitado ao *Dasein* observar um ser-no-mundo tornar-se não-mais-ser-no-mundo, embora não seja possível assumir a morte de outrem como sua, “pode-se fazer a experiência do curioso fenômeno ontológico que pode determinar [...] a alteração sofrida por um ente ao passar do modo de ser da pre-sença (a vida) para o modo de não-ser-mais-pre-sente” (Heidegger 2005: 18). Note-se que o aspecto impessoal do *Dasein*, o “nós”, se resguarda da morte, que lhe põe medo, tornando-a um fenômeno desconcertante e alheio. Por outro lado, a angústia surge como a disposição que coloca o *Dasein* *tête-à-tête* com a possibilidade de sua impossibilidade, isto é, com a morte: “só a angústia é capaz de olhar a morte de frente e de entregar o *Dasein* à sua possibilidade mais radical” (Pasqua 1993: 128).

A diferença entre o medo e a angústia é que o primeiro é um existencial inautêntico, enquanto o segundo tem em seu cerne a autenticidade. Isto porque se o medo tem origem em um ente intramundano, a origem da angústia é infundada. O *Dasein* angustia-se simplesmente por estar no mundo; é sua própria existência que é angustiante. Em seu livro *Que é metafísica?*, publicado dois anos depois de *Ser e Tempo*, Heidegger disserta:

Estamos suspensos na angústia. Melhor dito: a angústia nos suspende porque ela põe em fuga o ente em sua totalidade. Nisto consiste o fato de nós próprios – os homens que somos – refugiarmo-nos no seio dos entes. E por isso que, em última análise, não sou “eu” ou não é “você” que se sente estranho, mas a gente se sente assim. Somente continua presente o puro ser-aí no estremecimento deste estar suspenso onde nada há em que apoiar-se. A angústia nos corta a palavra (Heidegger 1989: 39-40).

Tanto a morte quanto a angústia compreendidas, respectivamente, como a possibilidade mais certa do *Dasein* e como a disposição anímica que possibilita o encontro do *Dasein* com seu próprio ser, serão centrais para a análise de *Enquanto Agonizo*. A hipótese que deu origem a este trabalho é justamente é a de que Addie e Darl Bundren habitam, respectivamente, na morte e na angústia, em contraposição

aos demais personagens, cujos *Daseins* estariam alienados de si mesmos e dissolvidos no impessoal do “nós”.

Antes de partir para a análise, contudo, faz-se necessário compreender o que sucede depois que o *Dasein* logra encontrar-se com seu ser na morte. Diante da única possibilidade que o torna impossível, ocorre de o *Dasein* compreender-se a si mesmo como nada. A morte na concepção de Heidegger é, então, “um mergulhar no fim do qual o todo do ser, enfim esvaziado de si próprio, se identifica com o nada” (Pasqua 1993: 131). A morte é a possibilidade mais certa do *Dasein* justamente porque nela habitam, simultaneamente, o ser e o nada e por isso ela é o todo: “o todo não pode ser senão esse ponto onde coincidem todos os contrários” (Pasqua 1993: 130). De acordo com Marco Aurélio Werle (2003), nem o ser e nem o nada se esgotam ou podem ser definidos e por isso ambos determinam o todo do *Dasein*. Dessa forma, afirma Werle (2003: 110, grifo do autor):

No conceito de angústia [...] Heidegger localiza a verdadeira possibilidade de virada da existência humana, a possibilidade de o homem sair da *inautenticidade*, na qual ele geralmente vive, e assumir a *autenticidade*.

3. *Enquanto Agonizo*: enredo e personagens

Enquanto Agonizo tem em seu centro narrativo a jornada de uma família de pequenos agricultores em direção a Jefferson, sede do condado imaginário de Yoknapatawpha. Os membros da família Bundren viajam por dias em uma carroça com o corpo da matriarca, Addie Bundren, em um caixão que fora meticulosamente construído por um de seus filhos. A razão da viagem envolve uma promessa feita pelo patriarca, Anse Bundren, depois da manifestação do desejo da mulher de ser enterrada junto a seus familiares em Jefferson.

Se a viagem e as ações que dela se desenrolam trazem à superfície, em um primeiro momento, apenas a melancolia que do luto emerge, conforme os monólogos dos Bundren tomam forma o leitor se depara com indivíduos completamente perdidos diante não apenas do fenômeno que mais recentemente os atingiram em cheio – isto é, a morte –, mas diante da vida como um todo. De acordo ainda com Michel Deville (1994: 70, tradução nossa)⁵, “*Enquanto Agonizo* subsiste primordialmente como um romance sobre a solidão privada e pública e sobre a incompletude ontológica e cósmica”.

Uma análise diacrônica da crítica em torno de *Enquanto Agonizo* levará a Olga W. Vickery, que, em 1959, foi uma das primeiras a chamar atenção para o fato de que as preparações para a jornada dos Bundren e a jornada em si se desenrolam juntamente com seus dramas, que ganham contorno independentemente do evento principal da narrativa. Isso porque “os Bundren [...] vivem cada um em um mundo

⁵ “*As I Lay Dying* remains primarily a novel of and about private and social loneliness, and about ontological and cosmic incompleteness” (Deville 1994: 70).

privado" (Vickery 2010: 237, tradução nossa)⁶, como se estivessem fazendo a jornada sozinhos dentro de suas mentes.

A importância e a centralidade de Addie para a narrativa residem justamente no fato de que é apenas por meio da verbalização de seu desejo e da promessa feita por Anse que a família consegue se unir em torno de um objetivo comum. Neste contexto, o corpo da mãe seria o único elemento que os obrigaria a permanecer juntos, ainda que apenas fisicamente. Notemos como cada um dos cinco filhos de Addie e Anse se apresenta de forma geral na narrativa e a forma com que cada um lida com a recente perda de sua progenitora.

A menina Dewey Dell precisa realizar a viagem a qualquer custo para conseguir chegar a uma farmácia que ofereça um remédio abortivo. Importa-lhe, portanto, menos a morte da mãe e mais a tentativa de não acabar como ela, com o peso da maternidade em suas costas. Enquanto isso, o caçula Vardaman, depois de confundir a mãe morta com um peixe que acabara de matar, e ainda incapaz de nomear o mundo que o rodeia, quer apenas comer umas bananas, ver a loja de trens de Jefferson e espantar a qualquer custo os urubus que rodeiam a carroça da família. O carpinteiro Cash, o mais velho dos irmãos, realiza grande parte da viagem com a perna quebrada, depois que uma enchente atingira a carroça. Pode-se dizer que Cash é o único da família a se encontrar com a possibilidade de externar sua dor psicológica através da dor física. Jewel, o filho cujos pensamentos e ensejos menos se deixam ver no romance – a ele é dedicado apenas um monólogo –, é também quem mais sofre com a perda da mãe, dado o forte laço que os unia. Jewel fora aquele que mais se aproximara psicológica e fisicamente de Addie. Ao contrário de Vardaman, que também ama incondicionalmente sua mãe, mas que ainda não compreende plenamente o fenômeno da morte, Jewel tem de lidar com a ausência de uma figura que lhe era central – “se existe um Deus para que diabos Ele serve?” (Faulkner 2002: 19)⁷, revolta-se a personagem. Por isso, sua solidão e silêncio diante da família, bem como os sacrifícios que ele faz ao longo da viagem porque quer que o desejo de sua mãe seja levado a cabo, estão carregados de significado.

Dos 59 monólogos interiores que dão forma à narrativa, dezenove deles são dedicados aos pensamentos, percepções e reflexões daquele que os irmãos – à exceção de Vardaman –, os pais e os vizinhos veem como “estranho, preguiçoso, sempre vageando por aí” (Faulkner 2002: 26)⁸. Darl Bundren é aquele que mais tem voz no romance – sua linguagem “é geralmente assombrada pela ontologia e pela abstração verbal” (Delville 1994: tradução nossa)⁹ – e são por seus pensamentos que ao leitor é descrita a morte de Addie, o episódio da enchente que engole a carroça da família, o episódio do incêndio do celeiro e diversos outros incidentes da viagem. Não só isso, por causa de Darl também é dada ao leitor a oportunidade de conhecer o interior das demais personagens, sem que suas máscaras sociais consigam afetar a percepção que o rapaz tem delas. Isto porque Darl possui clarividência e intuição tão surpreendentes que chega mesmo a ser capaz de trazer à superfície os desejos mais obscuros de seus familiares sem a necessidade de palavras. Para o vizinho da família,

⁶ “The Bundren [...] are living each in a private world” (Vickery 1959: 237).

⁷ “If there is a God what the hell is He for?” (Faulkner 2010: 10).

⁸ “Queer, lazy, pottering about the place” (Faulkner 2010: 15).

⁹ “Is mostly haunted by ontology and abstract verbalization” (Delville 1994: 63).

Vernon Tull, sempre que Darl pousava os olhos em alguém demoradamente era como se “tivesse entrado dentro de você, de alguma forma”¹⁰ (Faulkner 2002: 109). Justamente por ser aquele que contempla e reflete acerca do mundo ao seu redor, Darl sabe intuitivamente, por exemplo, que Jewel não é filho de Anse, mas do reverendo Whitfield, com quem Addie tivera um *affair*. Ele também é o único que sabe da gravidez de Dewey Dell e de seu desejo de abortar em Jefferson, mesmo sem trocar nenhuma palavra com ela acerca do assunto: “E assim foi porque não pude evitar aquilo. Então foi, e então eu vi Darl e ele sabia. Ele disse que sabia sem as palavras como disse que a mãe ia morrer sem palavras [...]. E por isso eu posso falar com ele com conhecimento e ódio porque ele sabe” (FAULKNER, 2002, p. 29).¹¹

É por conta disso e, sobretudo, por meio dessa personagem, que *Enquanto Agonizo* se encontra com o pensamento heideggeriano. De acordo com Homer B. Pettey (2003: 27, tradução nossa), “os desejos de Darl de reconciliar percepções com existência, mais especificamente suas tentativas frustradas de construir seu mundo enquanto simultaneamente destrói a influência de Addie sobre ele”¹², também são reveladores de que seu ser e sua própria existência estão e são sempre e profundamente afetados pela presença do outro. Quando Darl se isola de si e do mundo ao seu redor na loucura, embora perca a capacidade de nomear-se e de refletir sobre si mesmo, encara a consequência derradeira de uma escolha de seu ser. O que isso significa em termos heideggerianos é o que será abordado no tópico seguinte.

3.1. Darl: angústia e possibilidades

Conforme dito, Darl é a voz de dezenove monólogos que compõem *Enquanto Agonizo*. Dos membros da família, é o que mais deixa seus pensamentos à vista, ainda que seja também uma das personagens mais reticentes do romance. Isto porque o fluxo de consciência é a técnica narrativa que rege suas dezenove falas. Se Darl é desde pronto aquele que não precisa de palavras para desvendar os segredos de quem o rodeia, é também aquele cujas preocupações e reflexões flutuam acima das de seus familiares, frequentemente marcadas pela objetividade imposta pela rotina. Note-se o exemplo de seu segundo monólogo. Enquanto Anse se decide por mandar ou não seus filhos à cidade, Jewel cuida de seu cavalo, Cash permanece concentrado na construção do caixão, Vardaman pesca e Dewey Dell cuida da mãe adoentada, Darl reflete sobre o gosto da água quando colocada por mais tempo em um balde de cedro: De menino aprendi que a água é muito mais gostosa quando fica mais tempo

¹⁰ “Had got into the inside of you, someway” (Faulkner 2010: 72).

¹¹ “And so it was because I could not help it. It was then, and then I saw Darl and he knew. He said he knew without the words like he told me that ma is going to die without words [...]. And that’s why I can talk to him with knowing with hating because he knows” (Faulkner 2010: 17).

¹² “Darl’s desires to reconcile perceptions with existence, specifically his frustated attempts to constructo his world, while simultaneously destroying Addie’s influence over him” (Pettey 2003: 27).

num balde de cedro. Fresquinha, com um sabor parecido com o aroma do vento quente de julho nos cedros” (Faulkner 2002: 15).¹³

Ainda que haja um forte desejo de afastar-se dela, a família é tudo aquilo que Darl tem e, portanto, não há a possibilidade de desligar-se dela por completo. Embora “nem todo retirar-se de..., nem todo desviar-se de... [seja] necessariamente uma fuga (Heidegger 2005: 249), é como se o *Dasein* de Darl tentasse a todo o momento destacar-se do impessoal do “nós”, ainda que quase sempre submetido a ele. A tentativa de desvio de Darl tem fundamento na angústia, vale lembrar, que se angustia com o próprio mundo como tal. O mesmo ocorrerá com Addie, conforme será discutido mais adiante.

De acordo com Terrell L. Tebbetts (2004), se é verdade que Darl pode acessar o interior de seus familiares mesmo sem a necessidade da linguagem e que essa forma de conhecimento o aproxima dos demais, é também verdade que justamente esta habilidade causa naqueles com quem compartilha involuntariamente um segredo uma vontade de afastamento. Por isso, após tentar atear fogo ao caixão de Addie para que a jornada que o rapaz considera absurda chegue finalmente ao fim, a família decide-se por mandar Darl a um hospital psiquiátrico. Assim, pode-se dizer que os destinos do rapaz e o de Addie acabam por assemelhar-se, já que sua família o isola “em uma cela tão confinante quanto o túmulo de sua mãe” (Tebbetts 2004: 129, tradução nossa)¹⁴.

A angústia que advém da jornada em si e de sua vida como um todo é revelada, sobretudo, em descrições dos ambientes sufocantes e sombrios que o envolvem e em suas reflexões sobre o ser que na linguagem se manifestam em combinações diversas do verbo “to be”¹⁵. O ar que envolve Darl e a família Bundren “cheira a enxofre” (Faulkner 2002: 69)¹⁶ e as gotas de chuva que atingem o telhado de sua fazenda são “grandes como balas de chumbo, mornas como se tivessem sido disparadas de uma arma; golpeiam impetuosamente a candeia com uma mórbida sibilância” (Faulkner 2002: 69).¹⁷ Além disso, a partir do momento em que Darl encara a morte de frente através da morte de sua mãe, suas noções de identidade e de existência são fortemente abaladas. Ao deitar-se para dormir ao lado de Jewel depois de mais um dia de angústia, uma angústia que “abre, de maneira originária e direta, o mundo como mundo” (Heidegger 2005: 251), Darl pondera:

Num quarto estranho você tem que ficar vazio para dormir. E antes de estar vazio para dormir, o que é você. E quando você

¹³ “When I was a boy I first learned how much better water tastes when it has set a while in a cedar bucket. Warmish-cool, with a faint taste like the hot July Wind in cedar trees smells” (Faulkner 2010: 8).

¹⁴ “In a cell as confining as his mother’s grave” (Tebbetts 2004: 129).

¹⁵ Devido às normas editoriais que recomendam um determinado número de páginas para esta publicação, optou-se por citar e analisar apenas dois monólogos desta personagem. O segundo monólogo foi escolhido porque opõe as preocupações diárias da família às reflexões de Darl. O sexto monólogo foi escolhido porque exemplifica sua angústia tanto na descrição do ambiente narrativo, quanto em suas reflexões acerca da questão do ser.

¹⁶ “Smells like sulphur” (Faulkner, 2010: 45).

¹⁷ “Big as buckshot, warm as though fired from a gun; they sweep across the lantern in a vicious hissing” (Faulkner 2010: 45).

está vazio para dormir, você não é. E quando você se enche de sono, nunca foi. *Não sei o que sou. Não sei se sou ou não.* Jewel sabe o que ele é, porque ele não sabe que ele não sabe se é ou não. Ele não pode ficar vazio para dormir porque ele não é o que é e ele é o que não é. [...] E posto que o sono é não-ser e a chuva e o vento são *era*, a carroça não *é*. Mesmo assim a carroça *é*, porque quando a carroça *é era*, Addie Bundren não será. E Jewel *é*, então Addie Bundren deve ser. E então eu devo ser, ou eu não poderia ficar vazio para dormir num quarto estranho. E se eu ainda não estou vazio, eu *sou*. (Faulkner 2002: 72, grifos nossos).¹⁸

Há muito que ser dito acerca desse excerto. A antagônica relação de Jewel e Darl – o ser do *Dasein* de um completamente imerso no impessoal do “nós” e por isso tão certo de si e de sua essência, enquanto o do outro permanece completamente absorto na disposição da angústia e por isso tão incerto de si e de qualquer possibilidade de essência – é talvez a primeira a saltar aos olhos. A metáfora do esvaziamento do ser remete também ao de-cair do *Dasein* no mundo. O quarto estranho em que Darl tem de esvaziar-se para dormir também se relaciona de perto à “estranheza inerente à pre-sença enquanto ser-no-mundo lançado para si mesmo em seu ser” (Heidegger 2005: 253) e, vale lembrar, “o não sentir-se em casa”, para Heidegger (2005: 254, grifo do autor), “deve ser compreendido existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário”. Além disso, as “brincadeiras” de Darl com os verbos ser e estar remetem às possibilidades que ao *Dasein* são ofertadas pela própria angústia: “naquilo pelo que se angustia a angústia abre a pre-sença como ser-possível e, na verdade, como aquilo que somente a partir de si mesmo, pode singularizar-se numa singularidade” (Heidegger 2005: 251-252, grifo do autor). Lançado no mundo e diante de um leque de possibilidades, sem a restrição de escolhas imposta pela homogeneidade do “nós”, o *Dasein* se vê enfim diante da existência autêntica.

Para Fazel Asadi Amjad e Reza Kazemifar (2014), quando Darl atea fogo ao caixão de Addie opta, de certa forma, por fazer como ele mesmo acredita ser melhor, e não como os demais, o “nós”, outrora postularam. Dessa forma, a loucura que a personagem acolhe para si ao final do romance seria a própria chave para a compreensão de sua existência autêntica, posto ser ela a consequência máxima de sua liberdade de escolha. Livre, o *Dasein* projeta ao seu ser possibilidades diversas que permitem a insurgência da singularidade e é justamente por isso, na visão dos autores, que Darl é expulso de seu núcleo familiar e, por último, da sociedade da qual faz parte. O mesmo, acredita-se, ocorre a Addie.

¹⁸ “In a strange room you must empty yourself for sleep. And before you are emptied for sleep, what are you. And when you are emptied for sleep, you are not. And when you are filled with sleep, you never were. *I dont know what I am. I dont know if I am or not.* Jewel knows he is, because he does not know that he does not know whether he is or not. [...] And since sleep is is-not and rain and wind are *was*, it is not. Yet the wagon *is*, because when the wagon is *was*, Addie Bundren will not be. And Jewel *is*, so Addie Bundren must be. And then I must be, or I could not empty myself for sleep in a strange room. And so if I am not emptied yet, I am *is*” (Faulkner 2010: 46, grifo nosso).

3.2. Addie e a escolha da morte

Nos entremeios de *Enquanto Agonizo* há um monólogo dedicado a Addie, a quem depois de morta é dada a oportunidade de refletir acerca de sua vida. É como se seu corpo fosse reanimado para que finalmente o leitor pudesse ter acesso às memórias de vida da mulher contadas de seu ponto de vista. Se, para viver autenticamente, é necessário estar ciente de que existir é “cair em queda livre no nada da morte” (Pasqua 1993: 93), então Addie tem a oportunidade única de *existir* no nada da morte; de, ironicamente, *viver* dentro deste fenômeno ao mesmo tempo eminente e imediato. Com a morte, vale lembrar, o ser do *Dasein* se reencontra com sua possibilidade de ser mais autêntica. Assim, desde pronto poder-se-ia supor Addie como a personagem mais autêntica de *Enquanto Agonizo*. De agora em diante, o silêncio e a inércia do corpo em decomposição de Addie dão lugar a uma linguagem ácida e desconcordante dos padrões que foram outrora estabelecidos por sua sociedade, como o amor, o sentido do dever e a fé religiosa. Ao repassar em ordem cronológica os passos de sua jornada como esposa e mãe, tem-se acesso às verdadeiras justificativas e sentimentos de uma mulher que não lograra encontrar felicidade em nenhum dos papéis que lhe foram impostos: “E então aceitei Anse. E quando eu soube que ia ter Cash, soube que viver era terrível e que essa era a resposta para isso” (Faulkner 2002: 149).¹⁹ Ao dar à luz seu primeiro filho, Addie percebe que sua solidão fora para sempre violada: “Soube que sempre fora, não que minha solidão tivesse que ser violada uma e outra vez a cada dia, mas que nunca tinha sido violada até que veio Cash. Nem mesmo por Anse durante as noites” (Faulkner 2002: 149).²⁰

Porque Addie se sente como se o seu ser estivesse prestes a perder-se em outro e diante da necessidade de doar-se a este outrem no futuro, suas atitudes perante a maternidade fazem lembrar novamente a máxima heideggeriana de que a existência do *Dasein* se caracteriza justamente pela coexistência:

Na maior parte das vezes e antes de tudo, a pre-sença se entende a partir de seu mundo, e a co-presença dos outros vem ao encontro nas mais diversas formas, a partir do que está à mão dentro do mundo. [...] Mesmo quando vemos o outro meramente ‘em volta de nós’ ele nunca é apreendido como coisa-homem simplesmente dada. O ‘estar em volta’ é um modo existencial do ser (Heidegger 2005: 171).

Vale ressaltar que, quando Dewey Dell descobre que estaria esperando um filho, sua fala complementa a da mãe: “Sinto meu corpo, meus ossos e carne começando a se dividir e cair na solidão, e o processo de deixar de ser solitária é

¹⁹ “So I took Anse. And when I knew that I had Cash, I knew that living was terrible and that this was the answer to it” (Faulkner 2010: 99).

²⁰ “I knew that it had been, not that my aloneness had to be violated over and over each day, but that it had never been violated until Cash came. Not even by Anse in the nights” (Faulkner 2010: 99).

terrível” (Faulkner 2002: 58).²¹ Por essa razão, durante a viagem seus esforços concentram-se única e exclusivamente na tarefa de livrar-se de sua gravidez. Ou seja, com o aborto, a menina visa não apenas evitar a repetição dos erros de sua mãe, mas também, e principalmente, retornar a seu estado natural de solidão. Contudo, ainda que esta possibilidade fosse oferecida à menina ao final do romance, é também verdade que não há como privar o *Dasein* de seu contato com o outro e com o mundo e suas tentativas de manter-se inteiramente só são tão frustradas quanto as da mãe, que acaba sempre por dirigir-se espontaneamente ao outro, ainda que de forma violenta. Um exemplo de como Addie não deixa de comungar com o outro *enquanto agoniza* em vida é oferecido ao início de seu monólogo, quando a mulher narra sua rotina de trabalho como professora:

Eu não via a hora de eles cometerem alguma falta, para que eu pudesse chicoteá-los. Quando a chibata caía, eu podia senti-la na minha própria carne; quando provocava vergões e inchava, era o meu sangue que corria, e eu pensava a cada golpe da chibata: Agora você sabe quem sou eu! Agora sou alguém em sua vida secreta e egoísta, alguém que marcou seu sangue com o meu para sempre e sempre (Faulkner 2002: 147).²²

Consciente de que a compreensão de seu ser dá-se por meio da orientação deste mesmo ser para o mundo e para o outro, Addie vê-se diante da impossibilidade de fechar-se em si mesma e com a necessidade de ter que lidar, com frequência, com a perda do ser de seu *Dasein* no “nós”. Daí a desconfiança da mulher com relação a sociedade, pois, embora seu ser esteja de fato orientado para os outros, é por meio do contato com a maior parte deles que a mulher se encontra com a inautenticidade no mundo.

Note-se, como exemplo, a religiosa vizinha Cora, que acredita que Addie estava cega para o pecado em vida e que seguia pecando em seu leito de morte ao parecer contente em deixar o mundo. Perceba-se, no monólogo do médico da família, Peabody, a menção ao fato de que provavelmente Anse não o chamara antes pois não estava em seus planos gastar dinheiro. Note-se ainda que, no terceiro monólogo de Vernon Tull, vizinho da família e marido de Cora, ocorre a menção ao fato de que o corpo de Addie fora arrumado no caixão com o vestido de noiva da mulher, símbolo da união que ela mais odiara em vida. Observe-se, por fim, que, para o reverendo Whitfield, amante de Addie em vida, a mulher não representa nada além do pecado. Enquanto os demais envolvem seus seres na religião, na avareza, na hipocrisia, no medo, na ambiguidade e nos valores morais, tanto Addie quanto Darl procuram se afastar deste modo inautêntico de ser. Nas palavras de Heidegger (2005, p. 179, grifo do autor), “a tendência do ser-com que denominamos espaçamento funda-se no fato

²¹ “I feel my body, my bones and flesh beginning to part and open upon the alone, and the process of coming unalone is terrible” (Faulkner 2010: 36).

²² “I would look forward to the times when they faulted, so I could whip them. When the switch fell I could feel it upon my flesh; when it welted and ridged it was my blood that ran, and I would think with each blow of the switch: Now you are aware of me! Now I am something in your secret and selfish life, who have marked your blood with my own for ever and ever” (Faulkner 2010: 98).

de que a convivência, o ser e estar um com o outro como tal promove a *medianidade*". Da medianidade advém também a desconfiança de Addie com relação às palavras:

Foi quando aprendi que palavras não servem para nada; que as palavras nunca se encaixam nem ao que querem dizer. Quando ele nasceu eu soube que a maternidade havia sido inventada por alguém que tinha que ter uma palavra para isso porque as mulheres que tinham tido crianças não se importavam se havia uma palavra para isso ou não. Eu soube que o medo havia sido inventado por alguém que nunca sentira medo; orgulho, por quem nunca tivera orgulho (Faulkner 2002: 149)²³.

De acordo com Amjad e Kazemifar (2014: 67, tradução nossa), Addie "concorda com a opinião de Heidegger de que o significado antecede as palavras, pois primeiro temos o significado e somente depois podemos colocá-lo em palavras"²⁴. A desconfiança de Addie com relação à linguagem tem muito mais a ver com o falatório, vale ressaltar. Isso porque, conforme dito, o falatório separa as palavras das coisas ou, mais especificamente, o discurso de seu objeto. É no falatório que Anse, Whitfield e Cora habitam. "Querer sair do falatório [...] é tomar consciência da sua condição de exilado", afirma Pasqua (1993: 89). Por isso, no silêncio de sua angústia, Addie segue com passos firmes e apressados em direção à morte. Só assim será possível que a mulher finalmente "expie o crime de ek-sistir" (Pasqua 1993: 175).

Ao final do monólogo, é como se Addie resignificasse a frase de seu pai, que dá início à sua fala no romance: "eu só lembrava como meu pai costumava dizer que a razão para viver era se preparar para estar morto durante muito tempo" (Faulkner 2002: 147)²⁵. Embora revestida com o manto da religião, posto que a vida na terra fosse apenas uma preparação para a vida eterna no reino dos céus, esta frase adquire em *Enquanto Agonizo* uma acepção completamente diversa. A não conformidade de Addie a leva pelas mãos pelo caminho da autenticidade. Addie escolhe deliberadamente pela morte desde o nascimento de seu último filho, Vardaman: "Eu dei Dewey Dell a Anse para contrabalancear Jewel. Depois lhe dei Vardaman [...]. E agora ele tem três filhos que são seus e não meus. E então eu podia me preparar para morrer" (Faulkner 2002: 153)²⁶.

A liberdade de escolha diante de um leque de possibilidades caracteriza - mas também, em certa medida, condena - tanto Addie quanto Darl. Mãe e filho

²³ "That was when I learned that words are no good; that words dont ever fit even what they are trying to say at. When he was born I knew that motherhood was invented by someone who had to have a word for it because the ones that had the children didn't care whether there was a word for it or not. I knew that fear was invented by someone that had never had the fear; pride, who had never had the pride" (Faulkner 2010: 99).

²⁴ "Addie agrees with Heidegger's opinion that meaning is prior to words, for we first have meaning and only then put them into words" (Amjad; Kazemifar 2014: 67).

²⁵ "I could just remember how my father used to say that the reason for living was to get ready to stay dead a long time" (Faulkner 2010: 98).

²⁶ "I gave Anse Dewey Dell to negative Jewel. Then I gave him Vardaman [...]. And now he has three children that are his and not mine. And then I could get ready to die" (Faulkner 2010: 102).

permanecem conscientes de que o “nós” busca diluir o ser de seus *Daseins* ao inscrever e pontuar cada uma de suas atitudes com base em um existencial inautêntico – como o falatório, o equívoco, a curiosidade e o medo. Enquanto a Addie é dada a oportunidade de experimentar em sua própria morte o modo de ser mais autêntico de seu ser, Darl permanece em um estado ininterrupto de angústia. No entanto, poder-se-ia dizer que *enquanto* Darl *agoniza* em vida, Addie vê-se herdeira deste mesmo passado de angústia mesmo depois de sua morte. Posto que a autenticidade seja a própria consciência do que significa *ser* no mundo, mãe e filho são expulsos do universo narrativo de Faulkner porque aceitam que apenas na angústia e, em seguida, na morte podem *existir* por completo. Em *Enquanto Agonizo* é assim que da estrada sem curvas do impessoal do “nós” o ser do *Dasein* caminha em direção ao abismo que é seu modo de ser mais autêntico: passando pela angústia de Darl até atingir, finalmente, a morte de Addie.

ADDIE, DARL AND THE AUTHENTIC EXISTENCE IN *AS I LAY DYING*, BY WILLIAM FAULKNER

Abstract: *As I Lay Dying* (1930), William Faulkner’s fifth novel, offers meaningful considerations upon death, language, time and existence. The anxiety that inhabits to a smaller or larger degree the Bundren family transcends the experience of physical death. That happens because even though the grief over Addie’s loss – the family’s matriarch – is over, a sensation of estrangement and shutdown from the external world persists in some of its members, especially in Darl, Addie’s third son and the narrative’s protagonist. Through the main considerations exposed by Martin Heidegger in *Being and Time* (1927) this work aims at bringing into the light how Darl’s anxiety and Addie’s death contribute to the comprehension of the being’s significance, as well as conduct to the path of its most authentic possibility.

Keywords: Martin Heidegger; anxiety; death; existence.

REFERÊNCIAS

AMJAD, Fazel Asadi; KAZEMIFAR, Reza. An Ontological Vindication of Darl’s Existential Authenticity from a Heideggerian Point of View. *International Journal of Applied Linguistics & English Literature*. v. 3, n. 1, 2014, p. 63-71.

DEVILLE, Michel. Alienating Language and Darl's Narrative Consciousness in Faulkner's *As I Lay Dying*. *Southern Literary Journal*. v. 2, n. 1, 1994, p. 61-72.

DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark. “Martin Heidegger: An Introduction to His Thought, Work, and Life”. In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark. *A Companion to Heidegger*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 1-16.

FAULKNER, William. *Enquanto Agonizo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 2002.

_____. *As I Lay Dying: Authoritative text, backgrounds and contexts, criticism*. New York/London: W.W. Norton and Company, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo/Rio de Janeiro: Universidade São Francisco/Editora Vozes, 2005.

_____. *Que é metafísica?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

LAFONT, Cristina. "Hermeneutics" In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark. *A Companion to Heidegger*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 265-284.

NUNES, Benedito. Poesia e Filosofia: uma transa. *A Palo Seco: Escritos de Filosofia e Literatura*, v. 1, n. 3, 2011, p. 8-17.

PASQUA, Hervé. *Introdução à leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

PAVIANI, Jayme. Traços Filosóficos e Literários nos textos. In: ROHDEN, Luiz; PIRES, Cecília. (Org.). *Filosofia e Literatura*. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 62-75.

PETTEY, Homer B. Perception and the Destruction of Being in *As I Lay Dying*. *The Faulkner Journal*, v. 19, n.1, 2003, p. 27-46.

SHEEHAN, Thomas. "Dasein". In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark. *A Companion to Heidegger*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 193-213.

TEBBETS, Terrell L. "Postmodern Criticism". In: HAMBLIN, Robert W; PEEK, Charles A. *A companion to Faulkner studies*. London: Greenwood Press, 2004, p. 125-161.

VICKERY, Olga W. "The Dimensions of Consciousness". In: *As I Lay Dying: Authoritative text, backgrounds and contexts, criticism*. New York/London: W.W. Norton and Company, 2010, p. 236-248.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, a morte e o nada em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2003, p. 97-113.

ARTIGO RECEBIDO EM 02/10/2017 E APROVADO EM 03/11/2017